

ORACAM

FUNERAL 81

EM AS EXEQUIAS DO MUYTO ALTO, E
Poderoso Rey de Portugal

O SENHOR

DOM PEDRO II.

QUE CELEBROU O REAL CONVENTO DE
Thomar da Ordem de Christo,

OFFERECIDA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOSEPH DE MENEZES,

CONDE DE VIANNA, DOS CONCELHOS DE ESTADO, E
Guerra & do Despacho de Sua Magestade, Gentil homem de sua Came-
ra, & seu Estribeyro mor, Comendador das Comendas de N. Senhora
da Conceyção da Villa da Idanha a nova da Ordem de Christo, &
da de N. Senhora do Loreto da Villa de Jeromenha da Ordem
de S. Bento de Avis, & de ambas Alcayde mor, Senhor do
Reguengo da Villa de Almada, & seu termo, do Presti-
monio da Igreja de S. Joao de Covas de Villa Real.

Pelo P. M. FRET EGIDIO DE GAMBOA,
Religioso da mesma Ordem.

Em 22. de Dezembro de 1706.

LISBOA.

Na Officina de MANOEL, & JOSEPH LOPES FERREYRA.

Anno de 1707.

Com as licenças necessarias.



O R A C I O N

F U N D A M E N T O S

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO, E

Por el Rey de Portugal

O S E N H O R

D O M P E D R O II

QUE REYNAN O REAL CONVENTO DE

O R D E N A C I O N

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO

D E J O S E P H D E M E N E Z E S

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO, E

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO, E

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO, E

D E J O S E P H D E M E N E Z E S

O R D E N A C I O N

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO, E

L I S B O A

DE LAS ESCUELAS DE MUJTO ALTO, E



Com auctoridade de Sua Magestade

Anno 1700



EXCELLENTISSIMO SENHOR.



QUEM, se naõ a Vossa Excellencia, ha-
via ende offerecer estas enternecidas lagry-
mas, estes saudosos suspiros, memorias tris-
tes daquelle golpe fatal, que naõ tanto na
Real vida do nosso serenissimo Rey Dom Pe-
dro, quanto nos amantes peytos de seus vas-

sallos empregou com a mayor violencia a morte? Porque co-
mo os effeytos desta mais, que cruel Parca em o coração de Vos-
sa Excellencia se fizeraõ mais sensiveis, (que era força que
â gloria de taõ bem quisto correspondesse apena de magoado)
procura como taõ obrigado o meu rendimento divertir a Vossa
Excellencia a sua mágoa, dandolhe nesta Oração para alivio
o mesmo despertador do seu sentimento, que ha causas taõ so-
beranas, que o mesmo incentivo da dor he o divertimento da
ansia. Com muytas considero a Vossa Excellencia sentindo a
falta d'El-Rey, em quem experimentava todos aquelles mi-
mos, & agrados, que conciliaõ o seu regio animo, & as su-
as relevantes prendas, que naõ podem deyxar de sentir des-
mayos com as ausencias do Sol, pois se viraõ taõ mimosas de
seus influxos, & de suas luzes as flores. Porem nesta funebre
Oração poderâ Vossa Excellencia ter algum divertimento na
sua pena, pois a pesar da mesma morte, lho restituo a Vossa

A ij

Ex-

Excellencia vivo em os corações dos Principes, & particularmente no d' El-Rey N. S. a cujo lado he V. Excellencia sempre estrella brilhante, & matutina, que nos annuncia a vista, & o resplendor do melhor Sol. Esta he a offerta, que a Vossa Excellencia dedica o meu rendimento, fiado em que a sua Regia benevolencia lhe hade dar a mão, para que suba venturosa a ser digno emprego da sua estimação. Honre pois Vossa Excellencia estas letras com porlhe os olhos, & ficarâ assim esta Oração taõ enriquecida de luzes, q̃ a todos os que a lerem, lhe pareção os seus caracteres estrellas. Sem estrella se não lograõ fortunas; & eu ja na aceytação de todo o Mundo considero ter logrado, & conseguido todas, pois amparada com o soberano nome de Vossa Excellencia esta minha Oração, deve confeçar que esta empresa he a mais venturosa, pois sabe a luz cõ a melhor estrella. Com o seu nome de Vossa Excellencia se honra, & com a sua protecção se illustra, para que não desmereça por ser minha, aquella aceytação, que merece pela materia, que descreve. Não se penhore Vossa Excellencia da offerta, porque não he mais, que huma victima só da minha obrigação; nem a desestime por limitada; porque aceytar com affabilidade dons humildes, he realce da grandesa, & esmalte do soberano. Guarde Deos a soberana pessoa de Vossa Excellencia por seculos felices para gloria deste Reyno, lustre da Fidalguia, & amparo universal de todos, &c.

Excellentissimo Senhor
Beyja a mão de Vossa Excellencia seu mais humilde
Cappellaõ, & servo.

Frey Egidio de Gamboa.



Ubi est qui natus est Rex? Matth. cap. 2.



UYTO Alto, & muyto poderoso Rey, & Senhor nosso, singular emprego das nossas adorações em a vida, & hoje nesse tumulto o mais claro emblema do nosso desengano, a quem com saudosos suspiros em o altar de nossos corações, offerecendo a alma em sacrificios, consagra estas Reaes memorias a mais amante, & leal veneração.

Oh se hoje emmudeceraõ as linguas, & só fossem os olhos os Oradores! Oh se hoje se callassem as vozes, & só falassem os suspiros! Oh se hoje se dispensassem as palavras, & só fossem rhetoricas as ansias! Com felicidade me parece pudera acertar adescrevervos este funebre apparatus, este spectaculo triste, aonde amortalhadas em sua propria confusão as luzes, cubertos de horror os resplandores, perplexos com o mayor sentimento os sentidos, absortos de admiração os entendimentos, & extaticos de dor os corações, em vozes mal forma-

das, em ecos mal percebidos nos estaõ insinuando, que esta pavorosa eça he o occidente daquelle soberano Sol, que nascendo em hum oriente de luzes, veyo a porse em hum occalo de sombras, convertendo o throno da Magestade, ou zenith de brilhantes resplandores, em que foy admiração de todo o Mundo, neste obscuro mausolhe, o que he a urna da mayor tristeza.

Nesta eça se ve hoje a Coroa da mais illustre Monarquia rendida ao tyrannico imperio da morte, sendo despojo o que foy triunfo, sendo ruina o que foy trofeo, sendo grilhaõ o que foy Coroa, & sendo laço violento o que foy ouro sem liga. Nesta eça se ve hoje a Purpura mais brilhante redufida a hum funebre apparatus de cinzas, sendo capuz o que foy adorno, sendo luto o que foy gala, sendo mortalha o que foy pompa, & o que foy Regia Magestade, feyto puõo desengano.

Nesta eça se ve hoje a magnificencia de hum palacio trocada pelos apertos de huma sepultura, aonde parece Satyro em huma cova escondido aquelle coração Gigante, para quem era estreyto a posento o Mundo todo. Nesta eça se ve hoje morta a melhor vida, desmayado o mesmo alento, vencida a mesma valentia, posta por terra a mayor fortaleza do Orbe, & transfigurado em huma caveyra aquelle Adonis mais pulcro, que parece se offendia até do mesmo mimo das flores.

Finalmente (acabe ja de huma vez a voz, & que por tantas devem sentir todos os Lusitanos corações, se he que primeyro me não estala a mim o coração de dor ao dearticular desta voz) nesta eça se ve hoje, ó insignes Portuguezes, que o nosso Rey o Senhor D. Pedro o II. o mais amado, & o mais amante dos seus vassallos, sem lhe valerem os privilegios da Magestade, rendeu a vida às mãos violentas da morte; & hum tão lamentavel triunfo, como foy o que alcançou a morte da vida de hum Principe tão amavel, & de hum Rey tão soberano, como he possivel que cayba na esfera das vozes, se deyxá enternecidos aos corações com a dor? como he possivel que com palavras se explique, se deyxá a alma sem alentos apena?

Vendo os Profetas ao mayor Rey dos Reis Christo: *Rex Regum, & Dominus dominantium*, Apocal. cap. 19. v. 16. sacrificando amorosamente a vida às crueldades da morte; Sofonias mandava que emmudecessem totalmente as boccas: *Silete ... quia preparavit Dominus hostiam*, & Jeremias ordenava que falassem sempre, & sómente os olhos: *Neque taceat pupilla oculi tui*. Falaõ os olhos, quando choraõ, porque as lagrymas são a discrição mais corrente. O mesmo coração, que he a origem das lagrymas, he o mar, onde se recolhem todos os rios da pena. No mar fazem os rios deposito de suas prateadas correntes, & do mar tornaõ a sair enriquecidos com hum novo

Sophon.
cap. 1. v.
7.
Jerem.
Thren.
cap. 2. v.
18.

cabedal de crystaes pelas fontes. São os olhos as fontes do coração, que feyto hum mar de sentimentos, defagoa por elles apena em copiosos rios de lagrymas. Logo com razão mandaõ os Profetas que se callem as boccas, & falem sómente os olhos; porque vendo a vida de hum Rey soberano feyta despojo da morte, esta tragedia magõa, & fere aos corações de tal sorte, que devendo estar hoje o coração do Orador feyto hum mar de sentimentos, he força que a pena lhe corra pelos os olhos em rios de lagrymas, porque só assim pòde ficar cabalmente explicada tragedia taõ lastimosa: porque como ao mesmo tempo a dor de hum coração sentido serve de embaraço às vozes, & serve de impulso às lagrymas, só devem ser lagrymas sentidas Oradores discretos, que com rhetoricas de crystal possaõ exaggerar as ansias, que ficaõ inexplicaveis às vozes por opprimidas, & só devem ser os suspiros lamentações funestas, que entoadas ao compasso da mesma pena, que fere as cordas do coração, publiquem a morte de hum Rey, assumpto de humas funeraes exequias: *Silete... quia pręparavit Dominus hostiam: Neque taceat pupilla oculi tui: Rex Regum, & Dominus dominantium.*

Pois se as mortes dos Reis melhor se descrevem com lagrymas, do que se referem com vozes, quem haverà hoje, que naõ troque vozes por lagrymas? Lagrymas para bẽ haõ de ser hoje as vozes do Orador.

dor, & lagrymas tambem haõ de ser hoje as atten-
ções dos ouvintes; porque a huns, & outros obriga
aprantos este espectáculo do sentimento, em que
vemos de morta cor debuxada a Magestade do ma-
yor Principe, & em que vemos avida do nosso Rey
em hum funebre apparatus de lutos, como destroço
da morte, aqual de tal sorte mudou as apparencias
em este theatro da fortuna, q̃ o que foy Sol he eclip-
se, & o que foy luz he sombra: *Occidit Sol*; o que
foy fogo he cinza, & o que foy flor he feno: *Om-
nis caro fenum*; o que foy Ceo he terra, & o que
foy Rey he nada: *Transierunt omnia ... tanquã avis,
quæ transvolat in aere, cujus nullum invenitur ar-
gumentum itineris*; & assim nesta estupenda transf-
11:
formação me parece que estou ouvindo perguntar
admirados a todos os corações Portuguezes: *Ubi
est qui natus est Rex?* Aonde està aquelle Rey sober-
ano, que com taõ carinhosos agrados costumava
meter a todos os seus vassallos no coração? Aonde
està aquelle Principe excelso, que nas soberanias
da Magestade, & nas prendas da natureza deyxava
aperder de vista os mais Principes? Finalmente a-
onde està aquelle Monarca supremo, à vista de cu-
jo valor mais, do q̃ à vista de Alexandre Magno tre-
mia de medo, ou de respeyto o Mundo todo: *St-
luit terra in conspectu ejus? Ubi est qui natus est
Rex?* 1. Mach.
cap. 1. v. 2.
3.

Com estas palavras nacidas de hũa amorosa du-
vida

vida diz o Evangelista S. Mattheus que os Magos andavaõ buscando a hum Rey Divino de poucos dias nacido em alapa de Belem: *Ubi est qui natus est Rex?* Porem isto, que entaõ foy pergunta, he hoje em todos nõs admiração. Poucos dias ha, lograva a Corte de Lisboa, & lograva todo Portugal afelicissima companhia de hum Rey, debaxo de cuja administração, & dominio entre todos se conhecia pelo mais venturoso este Reyno. Veyo porém a morte, & roubou-nos aos nossos olhos, ainda que nunca aos nossos corações, este Rey. Busca-o agora a nossa fidelidade; mas chegando a ver eclipsados os resplandores daquella mais, que Real vida:

Isaie cap
13. v. 10.

Jer-
Thren.

cap. 4. v.
1.

Idem v.

1.

Obtenebratus est Sol, achando obscurecido o ouro daquelle mais que Imperial Diadema: *Obscuratum est aurum*, & vendo trocada por huma mortalha aquella mais que Magestosa purpura: *Mutatus est color optimus*; suspensos, chorosos, & admirados perguntaõ todos os corações Portuguezes: Aonde está o nosso Rey soberano: *Ubi est qui natus est Rex?*

Que he daquella purpura preciso adorno da Magestade, ou para melhor dizer, que he daquella Magestade, que por soberana, servia de gala à mesma purpura? Que he daquelle Diadema taõ venturoso, que subio a ser Coroa da melhor cabeça?

Que he daquella vida, que pelos vigorosos alentos de taõ heroyco coração parecia ser immortal? Digamolo em huma palavra só, que he do serenissimo

Rey

Rey D. Pedro, em quem era taõ necessaria para alivio, & seguro dos seus vassallos a vida, em quem era taõ natural o Diadema, & em quem era taõ Magestosa a Purpura: *Ubi est qui natus est Rex?*

Quereis, senhores, saber, aonde està este Rey soberano? Està em aquelle tumulo; està em os peytos dos seus vassallos, & està em os corações dos nossos Principes. Està em os corações dos Principes, porque como filhos são verdadeyras imagens do pay, & he força que viva o pay em os corações de taes filhos. Està em os peytos dos seus vassallos, porque como leaes o seu amor lhe havia de formar a melhor sepultura em seus peytos. E està em aquelle tumulo, porque a Magestade de Rey não lhe tirou o ser mortal. Destas tres respostas a primeyra vos dou para desengano, a segunda para desempenho, & a terceyra para alivio; para que assim se alivie a vossa faudade, sabendo que tendes ao vosso Rey vivo, mas sim em os corações dos nossos Principes; se desempenhe a vossa lealdade, tendo-o sempre presente em vossos peytos para o sentimento; & se desengane a vossa altiveza, conhecendo que até os Reis são mortaes. E assim dividindo-nos estas tres respostas em tres pontos a Oração, satisfarey à vossa admiração: *Ubi est qui natus est Rex?* mostrando em o primeyro ponto que està em huma sepultura, que lhe deu a morte, como mortal. No segundo ponto mostrarey que està em

hum mausoleo, que lhe fabricou a lealdade, como Rey; & no terceyro ponto mostrarey que está em hum monumento, que lhe formou o amor, como pay. No primeyro ponto o acharemos em o tumulto da morte, porque são as Magestades tão caducas, que equivocando-se o throno com a sepultura, quanto mais soberanas, mais mortaes. No segundo ponto o acharemos em o mausoleo da lealdade, que são os peytos dos seus vassallos, porque como são leaes, & tão amantes o tem sempre presente para o sentimento em seus peytos. E no terceyro ponto o acharemos vivo em o monumento do amor, que são os corações dos Principes, porque sendo imagens proprias, como filhos, lhe substituem a vida com amorosos alentos. Temos assumpto. Principiemos.

Que natural antipathia he a que tem entre si a luz, & a sombra! E que cruel opposição he a que tem entre si a Magestade Real, & a morte! Porem, não obstante esta contrariedade, vejo que a Providencia Divina de tal sorte unio amorte com a Magestade, que assim como no Mundo não ha luz sem sombra, assim tambem não ha Magestade sem morte.

Que Magestade mais luzida, que o Sol? Hora bascay a este Rey soberano la nessa brilhante Esfera dos astros: *Ubi est qui natus est Rex?* E vereis que apenas o admirais nacido, quando logo o cho-

rais

rais sepultado: *Oritur Sol, & occidit*, correndo por *Eccles.* 89
conta da noyte as exequias, pois com as obscuras *cap. 1. v.*
baetas de suas sombras arma logo o Mundo todo de
lutos, & servindolhe de tochas junto ao sepulcro re-
verberantes estrellas, lhe cãta lametações tristes cõ
vozes mudas o mesmo silencio da noyte. *1. v. 3.*

Buscay a hum Rey em o seu throno exaltado en-
tre riquezas, & naquella quimera de metaes, em que
la se presumio exaltado Nabuco, vereis que não só
o pomposo fausto dos Reis he sonho, mas tambem
vive taõ fugeyto ao imperio da morte, que arrui-
nandolhe amorte até o mesmo throno, ou lugar, em
que se desvanecia: *Nullusque locus inventus est in eis*, *Dan.*
lhe deu em a sua propria ruina a sepultura, deyxan- *cap. 2.*
dolhe só lugar, para que perguntasse a admiração: *v. 33.*
Ubi est qui natus est Rex?

Buscay a hum Rey entre as soberanias do Scep-
tro, com que pretende dilatar seu dominio desde a
terra até o Ceo, & naquella arvore, figura do Rey
de Babylonia, vereis que he tanto mayor o poder da
morte, do que o dominio dos Reis, que apenas se
via dilatando seu imperio o Rey, quando ja se via
rendido aos golpes da morte: *Succidite arborem.* *Dan.*

Buscay a hum Rey em o elevado da Coroa, & *cap. 4.*
nessa celeste plata forma de luzes vereis q̃ a estrel- *v. 11.*
la chamada Coroa nasce, & vive em o Signo de Es-
corpiaõ; porque como o Escorpiaõ he figura de hũ
lisongeyro, que mata traidoramente abraçando, *Caus.*
lib 2 de

Dei, cap.

23.

quis mostrar a Providencia Divina que as Coroas, quanto mais lifongeam aos Principes com agrados, entã nellas lhe introduz todo o seu veneno amorte: *Amplectendo necat.*

Buscay a hum Rey em a magestade da Purpura, & velloheis com os mortaes parossimos da rosa, a qual em o verde palacio de hum jardim, supposto que na manhã nasce para lifonja dos olhos, mimo de nacer com alentos de ambar, Sol encarnado com espiritos de ouro, abrindo essas magestosas roupas, feytas hum labyrintho de perolas, que a mesma Aurora nõ enfeyte lhe congelára com risos, sendo este matiz, que sobre a purpura lhe compõem huma guarnição prateada, novo esmalte, em que se nõ divisa, se he de aljofares enfiado adorno, ou se he bordadura de estrellas. Mas que pouco lhe dura esta magestosa pompa, pois a que hã poucas horas respirava alma da soberania, espira ja de desalentos cadaver, sendo as proprias purpuras, que tinhaõ sido trofeos de sua altivesa, mortalha funebre, em que se envolve despojo do desengano. E sendo assim a rosa com suas purpuras o melhor geroglyfico dos Reis, o mesmo serà buscar a hum Rey entre purpuras, que achallo padecendo mortaes deliqui-

Statius

5 Sylvar.

Rubentesque rose primos moriuntur ad Austros.

Oh caduca Magestade! Oh tyranno imperio da morte! pois as mesmas insignias Reaes, são as em-
presas

Em as exequias del-Rey D. Pedro o II. 15
 presas do teu engano; pois quando imagina o Mundo que vem a ver hum Rey enthronizado em o solio, o vem achar em huma cova encerrado, o vem a ver em huma sepultura abatido. Hora mostremos esta realidade no mesmo texto do nosso thema.

Obrigados de huma Divina inspiração vierão os Magos do Oriente a buscar em Belem a Christo, & duvidosos da Corte, & do palacio, em que podião achar a este Rey soberano, começãrão a perguntar aonde estava: *Ubi est qui natus est Rex?* Satisfizes a esta sua duvida o Ceo, falandolhe com a lingua de huma estrella, que se os Ceos falaõ, como diz David: *Cæli enarrant gloriam Dei*, precisamente *Psal. 18.* haõ de fer as suas estrellas as suas linguas, & aonde se fala com linguas de luz, quem duvida que haõ de fer todas as suas vozes acertos? Assim foy, porque gniados da estrella foraõ achar o Rey, que buscavaõ, mas diz S. Lucas que reclinado em hum presepio: *Positum in presepio*. Porem sempre me fez *Luc.* grande admiração, que S. Justino, Santo Epifa- *cap. 2.* nio, Theodoreto, & mais claro que todos, S. Gregorio Niffeno, chamem ao presepio, em que estava *v. 12.* Christo nacido, sepultura: *In spelunca decumbit.* *S. Greg.* *Cum videris speluncam, in qua nascitur Dominus,* *Niss. or.* *subterraneam, ac lucis expertem.* Oh valha-me *rat. de* *Nativ.* *Dominii.* Deos! & que proporção tem huma sepultura com o presepio, para que seja o mesmo nascer Christo em hum presepio, que estar em huma sepultura?

O' naõ vem q̄ buscavaõ os Magos a Christo com o titulo de Rey: *Ubi est qui natus est Rex?* Pois com razão se equívoca com a sepultura o presépio, porque parece quis mostrar a Providencia Divina que he taõ mortal, & taõ caduca a Magestade de hum Rey, que quando presumis que o ides a ver em hum throno, o ides achar em huma cova, quando imaginais que o haveis de achar em hum palacio, o ides a ver na sepultura: *Ubi est qui natus est Rex? In spelunca decumbit.* O mesmo throno da Magestade he o domicilio mais proprio da morte. He a morte

Job. cap. 18. v. 14. Rey, como disse o Santo Job: *Quasi Rex interitus,*

& taõ poderoso, que tem debayxo do seu dominio, como vassallos, os Reis; & se os Reis são vassallos da morte, como podem deyxar de ser os seus thronos sepulturas? Rey mortal se fazia Christo: *Homo factus est,* & sendo assim, havia de ser tambem a sua Magestade taõ caduca, que fosse o mimo da morte; & tendo a morte taõ grande imperio nos Reis, precisamente os Magos, quando buscavaõ a hum Rey em seu palacio nacido, o acháraõ em huma sepultura, como morto; quando o buscavaõ em hum throno sublimado, o vieraõ achar em huma cova abatido: *Ubi est qui natus est Rex? In spelunca decumbit.*

Pois se esta he a pensaõ, com que se enthroniza a Magestade de hum Rey, que muyto que o serenissimo Rey D. Pedro, que ha taõ poucos dias ad-

miravamos em hum magestoso throno imperando,
 o vejamos agora fugeyto, & rendido às leis da mor-
 te, habitando a triste regiaõ de hum sepulcro: *In
 spelunca decumbit?* Como homem naceu mortal,
 mas a Coroa imperial lhe deu hum ser mais cadu-
 co; porque no ser humano tinha hum titulo só para
 morrer: *Statutum est hominibus semel mori*; porem Heb. cap. 9. v. 25.
 no ser de Rey tinha titulo mayor para acabar; por-
 que o ser de homem serà quãdo muyto causa remo-
 ta para morrer, porem o ser de Rey he causa pro-
 xima da morte.

Naõ achando Pilatos causa para sentenciar à Joan. cap. 19. v. 6.
 morte a Christo: *Nullam in eo invenio causam*, lha
 achou logo, tanto que o poz em a Crus: *Posuerunt
 causam ipsius scriptam*. E qual foy a causa para Mat. cap. 17. v. 37.
 Christo espirar, como flor, em a planta da sua Cruz?
 Disse-o o mesmo Pilatos: o ser Rey: *Rex Judæorũ*.

Pois Christo naõ era verdadeyro homem por natu-
 resa? He sem duvida, assim o confeça a nossa Fé; pois
 que mais causa lhe quer Pilatos para morrer? Porq̃
 o mesmo foy o Verbo Divino tomar carne humana,
 fazerse homaem, que vir sentenciado à morte, vir de-
 cretado para morrer. Pois logo como lhe naõ acha
 causa para morrer no ser de homẽ, & lha acha só no
 ser de Rey? Sabem porque? He porque naõ só que-
 riaõ os Fariseus que Christo morresse, senão que
 Christo morresse logo: *Tolle, tolle, crucifige eum*. Joan. cap. 19. v. 25.
 E para morrer logo, mayor causa he o ser Real, do

C

[que

que he o ser humano; porque o ser humano, sup-
 posto he causa da morte, he causa tão remota, que
 bem pôde hum homem existir, & estar muyto lon-
 ge de morrer; porem o ser de Rey he causa tão pro-
 xima da morte, que parece està influindo natural-
 mente em hum fugeyto a morte a mesma Magesta-
 de, & o mesmo titulo de Rey: *Posuerunt causam
 scriptam: Rex Judæorum.* He verdade, que como
 homem, estava Christo fugeyto às leis da morte;
 porem a mesma morte, que o havia de despojar da
 vida, parece não tinha poder contra a vida, em quã-
 to via a Christo só com o ser da natureza; porem, tã-
 to que ao ser humano se lhe ajuntou a Christo o ser
 de Rey, tanto que o ser de homem se vio magestosa-
 mente adornado com o ser Real, logo Christo ren-
 deu a vida às mãos da morte, porque para padecer
 a morte, não he necessario mais causa, nem mais ti-
 tulo, que o ser Rey: *Posuerunt causam ipsius scrip-
 tam: Rex Judæorum.*

Que mais causa pois quer Portugal para chorar
 a falta do seu Rey, que ver que na propria Coroa da
 Magestade tinha o titulo da sua morte? Era o Se-
 nhor D. Pedro Rey humano, & tanto, que não sey,
 se por ser tão humano, se elevava a ser Divino; po-
 rem não foy o ser de homem o que lhe tirou a vida,
 foy sim a Magestade de Rey quem o fugeytou mais
 à morte. Não foy causa da sua morte, a natureza, pois
 esta foy tão vigorosa, & tão valente, que parece po-
 dia

dia vencer a mesma morte; quem o fez espirar, que o poz proximo da morte, foy só o titulo de Rey, tanto assim, que por ser Rey; ou o mayor Monarca dos Reis, por ser Rey D. Pedro, & por ser D. Pedro o segundo, parece ficou sendo mais mortal, & mais fugeyto apagar este violento tributo da morte.

Sempre admirey muyto, que querendo Christo Senhor Nosso pagar hum tributo, como pagavaõ os Judeus, mandasse a S. Pedro que pagasse por elle, & juntamente por si só: *Da eis pro me, & te.* Como assim! os mais Discipulos não estavaõ todos obrigados apagar este tributo? He sem duvida. Pois como manda Christo pagar por si só, & por Pedro? Com singular mysterio. Olhem, neste tributo (diz S. Gregorio Nazianzeno) está symbolizado o tributo da morte. Oução ao Santo: *Ipse didrachma dat pro tributo, quoniam pro nobis homo factus est, & propter iniquitates nostras mortem quoque sustinuit.* E sendo assim, só Pedro, & não os mais Discipulos cõ Christo, hade pagar este tributo; porque Pedro, supposto que os mais Apostolos eraõ Principes: *Constitues eos Principes,* era o mayor Principe, o mayor Rey, & o mayor Monarca de todos, pois era cabeça da Igreja; & juntamente não só era Pedro, mas era tambem Pedro segundo em o numero dos Reis; porque se Pedro he o mesmo, que pedra, Christo Rey soberano foy o primeyro Pedro, porque foy a primeyra pedra: *Petra autem erat Christus;* & Pedro, como

Mat.
cap. 17.
v. 26.

S. Greg.
Naz. o-
rat. 6.

Psal. 44.
v. 17.

1. Cor.
10. v. 4.

Mat. 16. era a segunda pedra: *Tu es Petrus, & super hanc*
 v. 18. *petram*, ficava sendo o segundo Pedro. Ah fim! Pois
 sendo este tributo o da morte, não hade pagar este
 tributo com Christo, se não unicamente Pedro; por-
 que parece quis mostrar com esta figura a Providê-
 cia Divina, que o mesmo entre os Reis era ser Rey
 D. Pedro segundo, que por ser mais elevado na grã-
 deza, & na Magestade, q̄ todos, ser, que todos, mais
 mortal, & mais fugeyto apagar o violento tributo
 da morte: *Da eis pro me, & te: Mortem quoque sus-*
tinuit.

Ah Rey soberano, & q̄ pesado jugo foy em vos-
 sa cabeça a Coroa, pois quando mais parecia q̄ vos
 elevava nos timbres da Magestade, entãõ vos fazia
 mais tributario da morte! Os mesmos titulos da so-
 berania contra a vossa propria vida foraõ decretos
 da Providencia. O ser Rey D. Pedro segũdo vos fa-
 zia admiração do Mũdo todo, & o ser Rey D. Pedro
 segundo era tributo, que lestava pagando à morte a
 vossa grandesa: *Da eis pro me, & te: Mortem quo-*
que sustinuit.

E sendo assim, não me admira, antes fim me pare-
 ce mysterio da Providencia, a hora, em que El-Rey,
 que Deos tenha em gloria, pagou este tributo. Foy a
 hora do meyo dia; & assim havia de ser, porque ha-
 vendo de morrer El-Rey, precisamente parece que
 havia de morrer a esta hora; porque para espirar es-
 te Monarca soberano, a hora mais propria havia de

fer a hora do meyo dia. Com a accommodação da prova darey juntamente a razão.

Diz o Profeta Amòs que havia de chegar hũ dia taõ infausto ao Mundo, que nelle havia de morrer o Sol ao meyo dia: *Et erit in die illa ... occidet Sol in meridie.* Notavel sentença por certo, & digna de toda a admiração! Que morra o Sol, quando na veloz carreyra de hum dia chega desfalecido, & moribundo ao seu occaso, aonde rendendo ao imperio das trevas a vida de sua luz, se sepulta em o crystallino sepulcro das agoas, achando com honrosa decencia no levãtado das ondas mausoleo de escumas, muyto embora, porque o mesmo poder Divino, que na Monarquia dos astros o fez Principe: *Ut praesset diei,* o fez juntamente mortal; mas que morra ao meyo dia, aonde parece que logra os melhores alentos de vida o Sol, isto como póde ser? Com singular mysterio. Olhem; o Sol he Rey soberano, & na hora do meyo dia he q̃ ostenta mais oportentoso fausto de suas luzes, & q̃ mais dilata o imperio de sua grandesa, porque ao meyo dia erige no mesmo Zenith o seu throno; allí para dominar todo o Mundo empunha o dourado sceptro de seus rayos, veste a ardête purpura de seus incendios; alli se coroa de seus brilhantes resplandores, & alli he que alcança do imperio das trevas os mais gloriosos triunfos. Pois se a hora do meyo dia he o mayor auge, o mayor extremo, & o ultimo *quod sic*, a que póde chegar com to-

Amos
cap. 8.
v. 9.

Gen. cap.
I. v. 16.

da a sua grandesa o Sol, essa ha de ser tambem a hora de sua morte; porque hum Sol, que he Rey, ou hum Rey, que he Sol, parece que tem certa a hora da sua morte na mesma hora, que he o meyo dia dos seus triunfos, na mesma hora, que he o Zenith de suas glorias, & da sua grandesa: *Occidet Sol in meridie.*

Sol (dou a razaõ, que prometti) Sol nesta quarta Esfera de Portugal era o serenissimo Rey D. Pedro; & quando (perguntàra eu) se vio este Sol mais enriquecido de luzes, quando se vio em o Zenith, ou meyo dia de sua grandesa, do que neste tempo, em que se via coroadado dos mais gloriosos triunfos? Quando estêdeu mais o dourado sceptro de seu imperio, do que na occasiã presente, em que chegou introduzindo seus rayos, ou seus exercitos a exaltar seu nome dentro no coração de reynos estranhos? E quando ostentou melhor a gala de sua purpura, do que a gora, que com taõ singulares empresas se constituhio Arbitro de todas as Coroas da Europa? Pois se o Sol neste infausto dia (diz o Profeta) havia de morrer ao meyo dia de suas luzes, de sua grandesa, & de seus triunfos: *Occidet Sol in meridie*, que muyto que vendo-se no meyo dia de seus triunfos, de suas luzes, de sua grandesa, & de suas glorias, padecesse este Lusitano Sol seus eclipses?

Ao meyo dia passou ja do Zenith de sua grandesa para o occidente de huma sepultura, aonde vemos

taõ desmayada a sua luz, taõ obscurecidos seus resplandores, taõ abatida a sua grandesa, & taõ confusa a Magestade, que já a Magestade não apparece, já a grandesa se não divisa, já os resplãdores são sombras, & já as suas luzes são cinzas, porque amorte com a sua tyrannia desfolhou a flor do mayor agrado, quebrantou o Cedro da mayor grandesa, triunfou da palma da mayor vitoria, & rendeu ao diamante da mais heroyca fortaleza; & vendo nõs a fortaleza do mais precioso diamante rendida, vendo a mais vitoriosa palma despojo, vendo ao mais elevado cedro ruina, vendo murcha a mais engraçada flor, finalmente vendo ao serenissimo Rey D. Pedro morto, & sepultado na sepultura da morte, sendo a flor mais agradavel, sendo o cedro mais sublime, sendo a palma mais triunfante, sendo o diamante mais valente, sendo a luz mais brilhante, sendo o resplandor mais celeste, sendo a Magestade mais soberana, sendo a grandesa mais illustre, sendo Sol, & sendo Rey de Portugal, com mil màgoas, & suspiros pôde dizer a nossa admiração: *Ubi est qui natus est Rex?*

Segundo ponto. Està El-Rey D. Pedro em o mausoleo da lealdade, que são os peytos dos seus vassallos, pois todos, para o sentimento, vivo, & morto o tem sepultado em seus peytos.

E que digna sepultura dà hoje a lealdade de Portugal ao seu Rey! pois sendo amorte, não tanto se-

paração fysica do corpo, & alma, quanto hum natural esquecimento dos vivos, contra esta desordem da natureza, para que nunca deyxem de persistir as memorias de hum tão amavel Principe vivas, lhe fazem tão illustres vassallos o melhor sepulcro em seus peytos. Não ha vassallo, que em quanto ve vivo ao seu Rey, não queyra sempre ser hum vivente gyrafol de sua luz, & tal vez alguns em amorte são como aquelles Cortesaões, que là vio Ezequiel, q adorando ao Sol em seu nascimento, davaõ as costas ao templo, que he o lugar das sepulturas: *Dors ababentes contra templum adorabant adortum Solis.* Porem adorações de quem respeyta, & venera a hum Sol nacido, & se esquece de hum Sol sepultado, bem poderaõ ser adorações politicas, mas são abominaveis adorações: *Abominationes pessimas.*

Ezech.
cap. 8. v.
16.

Idem. v.
9.

Mas que longe està esta abominação dos illustres peytos Portuguezes, pois igualmente adoraõ a este Lusitano Sol sepultado, do que quando lograva luzes de vida. Não lhe assistiaõ com mais lealdade ao throno, do que lhe assistem à sepultura. Não veneravaõ mais a purpura, do que veneraõ hoje amortalha. Oh fidelidade verdadeyramente Portuguesa! Mas oh venturoso Principe com tão illustres vassallos! pois o rendimento, que pudera parecer lisonja na vida, o faz hoje verdadeyro a sua fidelidade na morte; & assim perguntando hoje a nossa admiração: *Ubi est qui natus est Rex?* ostenta cada hum

particularmente o seu peyto, mostrando que a sua fidelidade o conserva dentro taõ vivo para o sentimento, que se a vida do vassallo he a vida do Rey por amor, amorte do Rey pelo sentimento he tambem morte do vassallo. He taõ certa esta verdade, que a confirmaõ os mesmos astros com a sua luz.

Em aquelle dia fatal, que sempre temeu o Mundo, diz Ezequiel que, obscurecendo-se o Sol, se haõ de entristecer tambem as estrellas: *Solem nube tegã, & ... omnia luminaria Cæli mœrere faciam.* Pois naõ basta que morra o Sol, para que fique o Mundo todo amortalhado em sombras, para que he necessario q̃ morraõ tambem as estrellas? Direy, as estrellas saõ huns vassallos luzidos, que servem, como a seu legitimo Rey, ao Sol. Em quanto vive o Sol, alentam-se com a mesma vida de sua luz as estrellas. Pois sendo assim, he força que espirem as estrellas, tanto q̃ morre o Sol, que como o Sol he Rey, & as estrellas os vassallos, se a vida dos vassallos he a propria vida do Rey, he força que amorte do Rey pelo sentimento seja tambem morte dos vassallos: *Solem nube tegam, & ... omnia luminaria Cæli mœrere faciam.*

Estrellas, que se alentavaõ da mesma vida do Sol, eraõ os vassallos de Portugal, a quem servia de alentos para a vida a mesma vida do seu Rey. Hoje vem eclipsado a este Sol, q̃ pòde amorte tyranna roubar os alentos de sua luz, fazendo estrago taõ particular em os peytos dos seus vassallos, q̃ por força do senti-

mento faz que seja propria dos seus vassallos propria morte do Rey : *Solem nube tegam, &c.*

Daquelles dous amigos os mais fieis, & mais leaes, que conheceu a gentildade, Castor , & Pollux , se diz que partiraõ entre si a vida, para que nenhum fosse despojo da morte ; porem morrendo o nosso Rey, he taõ fina a lealdade dos Portuguezes, q̄ parte entre si amorte ; porque espirando hum Rey taõ amante, era preciso que espirassem tambem os nossos corações com a dor ; & assim faz aqui mais a lealdade, do que là obrou a finesa, porque aquelles dous amigos partiraõ a vida, & naõ amorte, & os vassallos de Portugal com o seu Rey partem amorte, & mais a vida ; porque huns vassallos leaes o mesmo he verem morto ao seu Principe, que morrerem todos de sentimento.

Que discreta oração foy a com que aprudente Thecuitis pretendeu suavizar apena de David em a morte do Principe Amnon, & juntamente advogar pela vida de Absalaõ, que era o que tinha dado amorte ao Principe ! Porem o em que fiz mayor reparo, foy em dizer a Thecuitis que os moradores de Jerusaleem todos estavaõ mortos, ou q̄ todos actualmente morriaõ : *Omnes morimur, & quasi aqua dilabimur.* Pois se o que estava sentenciado à morte, era sómete o Principe Absalaõ, & o que estava morto era sómete o Principe Amnon, como diz a Thecuitis q̄ os moradores de Jerusaleem todos morriaõ,

ou

ou estavaõ mortos? O' naõ vem q̄ Absalaõ, & Amnon eraõ Principes de Israel, & que eraõ seus vassallos os moradores de Jerusalem? Pois morrendo os Principes, com razaõ diz que morrem todos os moradores de Jerusalem; porque como os Cortesãos de Jerusalẽ eraõ os mais fieis vassallos, & eraõ mortos os seus Principes, quis mostrar q̄ vivem taõ presentes nos corações dos vassallos os Principes, & partem tanto entre si pelo sentimento amorte, q̄ o mesmo he verem os vassallos morto a hum Principe, q̄ morrerem de sentimento todos: *Omnes morimur.* Taõ intimamente unida està a vida de hum Principe cõ as vidas dos seus vassallos, taõ presos estaõ em vinculos de lealdade os corações dos vassallos com o coração do seu Rey, que o mesmo golpe, que corta pela vida do Rey, corta juntamente pelas vidas dos vassallos. Amavam os vassallos de Jerusalem aquelle defunto Principe, & o mesmo, que fez amor te em o Principe, fez em os vassallos o sentimento; tiroulhes o sentimento a vida, porque a impulsos do sentimento he força que com a vida do Principe juntamente acabem as vidas dos vassallos: *Omnes morimur, & quasi aqua dilabimur.*

Pois se taõ sensível foy amorte de hum Principe para os peytos Jerosolymitanos, que os fazia morrer a todos de sentimento, parece que faltaraõ palavras para encarecer o sentimento dos Portuguezes em a morte de hum Rey tanto mais amavel, q̄ Amnon, &

tanto mais galhardo, que Absalaõ; porque o estar mortos de sentimento he obrigação de vassallos, entre os quaes he precisa ley da lealdade, que se partisse igualmente amorte, que despojou da vida ao seu Rey, porque o mesmo he ser hum Rey despojo da morte, que ser amorte dos vassallos triunfo do sentimento, com o qual em vozes de lagrymas à vista deste tumulto podemos dizer que: *Omnes morimur.*

Assim parte entre si alealdade amorte. E partirà tambem entre si igualmente a vida? Quem o duvida, porque a fidelidade mais amante não consiste só em participar amorte do seu Rey, senão em partir com o seu Rey dá propria vida. Quando em os vassallos he notoria, & conhecida a sua lealdade, abenevolencia dos Reis os eleva do ser de vassallos ao ser de amigos, como là disse aos seus vassallos o mayor Rey: *Fam non dicam vos servos, sed amicos.* Pois se assim os vassallos mais leaes passaõ praça de amigos com o seu Rey; nos peytos dos Portuguezes, pois são os mais fieis vassallos, me atrevo a dizer que està El-Rey D. Pedro vivo. Está vivo para o sentimento em seus peytos, ainda que està na realidade morto; porque hum amigo morto para o sentimento sempre està nos peytos dos seus amigos muy vivo.

Huma notavel antinomia ao parecer acho em humas palavras de Christo. Dà-selhe noticia da morte de Lazaro, & diz a seus Discipulos que Lazaro estava morto: *Lazarus mortuus est;* & isto no mes-

mo

Joan.
cap. 15.
v. 15.

Joan.
cap. 11.
v. 14.

mo tẽpo, em q̄ dizia q̄ Lazaro estava vivo: *Lazarus amicus noster dormit*. Pois se Lazaro estã vivo, como diz que Lazaro estã morto, & se na realidade estã morto, como se p̄de verificar que estã vivo? Attendaõ ao mysterio, & veraõ como fica clara a soluçãõ â duvida. Quando Christo diz que Lazaro estã morto, fala do estado, em que se achava Lazaro, pois estava em a sepultura; quando diz que estã vivo, fala do entranhavel sentimento, com que lamẽtava a sua morte, pois foy taõ excessivo, que ochevou a publicar com lagrymas: *Lacrymatus est Jesus*. Era Lazaro particular amigo de Christo, & os seus Discipulos todos eraõ grandes amigos de Lazaro: *Amicus noster*. Pois se a morte de Lazaro custou taõtos sentimentos a Christo, Christo, & os seus Discipulos eraõ taõ amigos de Lazaro, com razãõ diz Christo que Lazaro estã vivo, & juntamente morto. Estã vivo nos peytos dos seus amigos, & estã morto na sepultura, porq̄ o estar na realidade morto era o motivo mais efficaç para estar nos peytos dos seus amigos para os sentimentos muy vivo: *Lazarus mortuus est: Lazarus amicus noster dormit: Lacrymatus est Jesus*.

Pois sendo isto assim; vivo, & morto na realidade posso affirmar que estã o serenissimo Rey D. Pedro; porque se a morte como atrevida o redusio a huma triste sepultura, a lealdade dos seus vassallos mais amante o alenta como immortal em seus peytos,

tos, aonde vive, & viverà sempre, como digno emprego do seu amor, & lamentavel objecto do sentimento; & assim affirmando d'ElRey D. Pedro o q̄ là disse de Lazaro o mesmo Christo, em quanto pomos os olhos naquelle tumulo, devemos confeçar que: *Petrus mortuus est*; mas em quanto olhamos para os nossos peytos, & os vemos taõ feridos com os golpes do nosso sentimento, bem podemos dizer que: *Petrus amicus noster dormit*.

Mas callay ja o vosso sentimento, & enxugay as vossas lagrymas, ó inclytos, & leaes Portuguezes, porque esse Rey soberano, que hoje chorais, como morto, vos deyxá cinco prendas do seu amor em cinco filhos, que sendo cada hum delles verdadeyra imagem do pay, estando sempre vendo vivo ao pay em taõ crystallinos espelhos, terà alivio a vossa pena, porque he consolação, & alivio das lagrymas dos vassallos ver que hum Rey por sua morte lhes deyxá cinco filhos, cinco Principes para remedio dos seus vassallos, para successores do Reyno. Estes são o alivio da vossa màgoa, porque estes cinco filhos são todo o timbre, & todo o adorno da mesma grandeza do Rey; porque se não illustra, nem se adorna tantõ com os timbres da Magestade hum Rey, quãto com cinco Principes, cinco filhos, que deyxá para consolação do seu Reyno.

Com singulares encomios engrandeciaõ os soldados de Antioco aquelle famoso Principe Mathias,

thias, que era o pay dos Macabeus, dizendo que era o Principe mais esclarecido, & soberano, & que sinco filhos, que tinha, eraõ todo o lustre de sua grandesa: *Princeps, & clarissimus, & magnus es in hac civitate, & ornatus filiis.* Pois não se adorna Matathias com a grandesa da Magestade, sendo taõ esclarecida, & só se adorna, só se ilustra com sinco filhos, que logra? Sim, porque os filhos eraõ prendas, que ficavaõ para alivio, & consolação do Reyno por sua morte; a grandesa, & soberania da Magestade acabava com a vida; & sendo assim, dizem só que são seu adorno os sinco filhos, & não a Magestade; porque se não ilustra tanto hum Rey com as grandesas da Magestade, que acabaõ com a vida, quanto se adorna, & se ilustra com os filhos, que deyxá por sua morte para consolação do seu Reyno: *Princeps & clarissimus, & magnus es, & ornatus filiis.*

Oh que clarificado, & engrandecido se apartou desta vida o serenissimo Rey D. Pedro! pois além de tantos timbres da Magestade, com que se via esclarecido, nos deyxou em sinco Principes o melhor adorno de sua grandesa para cõsolação dos seus vassallos. Adornou-se Matathias com sinco filhos, que eraõ Principes de Israel, & adornou-se El-Rey D. Pedro com sinco filhos, que são Principes de Portugal, porque parece que no numero de sinco filhos está todo o adorno de hum Rey: *Ornatus filiis.* Ho-

Oração funeral
 ra examinemos mais, que ainda tem mais alma o
 Texto.

Diz que os filhos eraõ cinco, & que o primogenito se chamava Joaõ, & que era neto de outro Joaõ.

Idem. v. Oução ao Texto: *Surrexit Matathias filius Joannis ... & habebat filios quinque, Joannem, qui cognominabatur Gaddis.* Parece que he feyto de molde o Texto. Pois se assim se adornava aquelle Principe Matathias com cinco filhos, tendo o primeyro gloria de ser Joaõ, & ser neto de outro Joaõ, tendo o Senhor D. Pedro Rey de Portugal cinco filhos, ou cinco estrellas nascidas daquelle soberano Sol, & sendo o Senhor D. Joaõ o primogenito, neto daquelle inclyto Rey D. Joaõ o quarto, cujas acções heroycas, prerogativas, & grandezas publica ainda hoje por todo o Mundo com o mais sonoro clarim a fama, quem duvida que nelles tem o mayor lustre de sua grandesa, & assim com mais razão, do que do Principe Matathias, se pòde dizer do nosso Rey que morreu: *Princeps & clarissimus, & magnus, & ornatus filius.* E se com o mesmo adorno dos filhos se sepulta o nosso Rey em o mausoleo da lealdade, que lhe daõ em seus peytos os vassallos, em seus peytos tem, & devem ter os Portuguezes aos Principes para a veneração, para o amor, & para alivio da sua pena vivos, assim como tem ao seu Rey em seus peytos vivo só para os sentimentos, com que pergunta a sua admiração: *Ubi est qui natus est Rex?*

Terceyro, & ultimo ponto. Está o serenissimo Rey D. Pedro em o monumento do amor, que são os corações dos Principes, pois como imagens proprias do pay lhe substituem a vida em amorosos alentos,

Grande poder he o da morte! Mas que grande he tambem o poder do amor! Muytas vezes se tem encontrado em campanha estes dous Monarcas do Mundo, & medindo as espadas, sempre sahio o amor com os triunfos. He verdade que a morte costuma triunfar das vidas, mas o amor triunfa até da mesma morte, pois o que amorte acaba, com os melhores espiritos alenta em seu coração o amor, dando vida por finela ao mesmo, a quem amorte despojou da propria vida. Da vida despojou amorte tão cruel, como atrevida, ao serenissimo Rey D. Pedro; mas como nos deyxou cinco filhos, cinco Principes, & cinco prendas do seu amor, o amor cõ suas industrias nos está dando a ver com alentos de vida em os nossos Principes o mesmo Rey, que choramos morto.

Com sette planetas (enfina a Mathematica) se adorna essa plata forma celeste; porem vivem tanto os mais planetas dos resplandores do Sol, que, ainda quando sentimos morto ao Sol, o estamos vendo vivo em as luzes dos planetas. Isto, que obra sabia a natureza, obra por extremo o amor. Com sette Planetas se vio magestosamente adornada a Esfe-

ra de Portugal, sendo o Sol o inclyto Rey D. Pedro, & sendo a Rainha mãe a Lua. Faltaraõ estes dous Planetas ao Reyno; primeyro se eclipsou a Lua, & depois se sepultou o Sol. Mas assim como o Sol, depois de morto, se està vendo vivo, & brilhante em Jupiter, assim este Sol de Portugal morto se està vendo vivo em o Principe, que como successor ao Reyno entre os mais Planetas, ou Principes he o Jupiter poderoso. Ve-se depois de morto o Sol vivendo em Marte, & ve-se El-Rey D. Pedro substituido, & vivendo em o serenissimo Infante, que por seus heroycos espiritos farà do mesmo Marte despojo do seu valor. Ve-se o Sol vivo em Mercurio, de quem fingiraõ ser o Deos da sabedoria, & ve-se o nosso Lusitano Sol vivendo ainda hoje em o terceyro Infante o Senhor D. Antonio, que como deputado para a vida Ecclesiastica, virà a ser a luz das sciencias. Ve-se vivendo depois de morto o Sol em o planeta Saturno, que he o ultimo dos planetas, & ve-se El-Rey, que Deos tenha em gloria, alentãdo luzes de vida em o quarto Infante, o Senhor D. Manoel, que, ainda que ultimo, merece ser o primeyro tambem nas prendas. Finalmente ve-se vivendo o Sol, depois de morto, em o planeta Venus, & ve-se vivendo este defunto Sol de Portugal, ou para melhor dizer, essa eclipsada Lua a nossa defunta Rainha se ve resplandecendo em a serenissima Senhora Infanta, em quem saõ taõ naturaes as luzes da

da fermosura, que Venus à sua vista fica sendo huma sombra só de sua belleza. Assim depois de morto, vive em os planetas o Sol; & assim tambem vive amorosamente, como pay, em os Principes, que Deos guarde, o nosso Rey, ou o nosso Sol; porque não pôde deyxar de viver, ainda depois de morto hum Sol, que he pay, em huns filhos taõ esclarecidos, em huns Astros taõ resplandecentes.

Prodigioso foy em seus sonhos Joseph! sonhou em huma occasiã que o Sol, a Lua, & onze estrellas o adoravaõ: *Quasi Solem, & Lunam, & stellas undecim adorare me.* Ja sabem que o Sol era Jacob seu pay, a Lua era Raquel sua mãe, & as onze estrellas os irmãos; porem no desempenho deste mysterio mais, do que sonho, vejo que só as estrellas, que eraõ os irmãos, adoraraõ a Joseph, & que nem o adorou a Lua, nem o Sol; porque Raquel estava morta, & Jacob estava ausente, ou para melhor dizer, tambem estava morto; pois diz o Texto que elle resuscitara, quando lhe deraõ a nova de que estava vivo seu filho Joseph: *Revixit spiritus ejus;* & não resuscita, senãõ só quem estava morto. Pois se no tempo da adoraçãõ Jacob ou estava morto, ou estava ausente, que he quasi o mesmo, que morto, como se pôde dizer que tambem o pay o adorou? Com singular mysterio. Naõ vem que as estrellas, que adoraraõ a Joseph, eraõ os filhos de Jacob? Pois, ainda que Jacob estivesse ausente, ou

E ij morto,

Gen. cap. 37. v. 9.

Gen. cap. 45. v. 27.

morto, ainda assim também adorava a Joseph ; porque como o adoravaõ os filhos taõ luzidos, como estrellas , não podia deyxar de viver, & estar adorando em os corações dos filhos o pay, não podia deyxar de apparecer, ainda depois de morto, em essas estrellas o Sol. Diga-se pois que o adorou o Sol, porque o adoraráõ as estrellas. Diga-se que o adorou o pay, porque o adoráraõ os filhos ; porque nos corações dos filhos vive tanto, ainda depois de morto, hum pay , como vive o Sol nas estrellas : *Quasi Solem, & Lunam, & stellas undecim adorare me.*

Estrellas da mayor grandesa são os nossos Principes , que na noyte obscura do nosso sentimento, em que nos deyxou amortal ausencia do Sol, estaõ reverberando luzes, & estaõ scintillando incendios, pois os incendios do amor, em que seus corações se abrazaõ, mostraõ as luzes de vida, com que alenta o pay, em seus amantes corações. O amor de filhos faz que se eternize em seus corações o pay ; porque se o pay rendeu às mãos da morte a vida, em os alentos dos filhos lhe substituhio propria vida o amor ; porque com taõ carinhosos laços prende o amor as vidas dos filhos com a vida do pay, que não pòde hum pay deyxar de viver, ainda depois de morto, em os corações dos filhos, assim como vive, depois de morto hum filho, dentro no coração do pay. E se não vejaõ.

Quando Abrahaõ caminhava para o monte a sacri-



crificar a seu filho Isac, disse aos criados, que o acompanhavaõ, que esperassem ao pê do monte, porque elle havia de voltar logo, & mais o filho: *Ego, & puer ... revertemur ad vos.* Como assim? Gen. cap. 22. v. 5. Abrahaõ não hia sacrificar o filho? Não hia com resolução de o deyxar morto, & sepultado entre as chammas, & entre as cinzas do sacrificio? He sem duvida. Pois como diz que logo hade voltar outra vez com o filho vivo? Sabem porque? He, porque Abrahaõ era hum pay, & juntamente Rey, que assim lhe chamaõ os Hebreos, que amava com extraordinario amor àquelle filho: *Filium, quem diligit* Idem. v. 2. *Isac;* & sendo assim, ainda que ficasse morto, sempre o amor o havia de conservar em seu coração, como vivo. Pois diga muyto embora Abrahaõ q̄ hade voltar com o filho, quando o vay sacrificar; porque como o amava com tanto extremo, ainda ficando morto, & sepultado entre as cinzas do sacrificio, sempre havia de voltar vivo em o coração amante do pay: *Ego, & puer ... revertemur ad vos.*

Pois se assim hum filho morto vive em o coração do pay, hum pay, que he despojo da morte, como não hade persistir vivo em os corações dos filhos? Vivia Isac em o coração de Abrahaõ, ou ja como filho em o coração do pay, ou ja como Principe em o coração do Rey; pois hum Rey, que foy o mais amante pay, como pôde deyxar de viver tambem



em os corações de huns filhos Principes? Com toda a verdade posso affirmar que vive, pois em seus corações lhe deu o amor huma sepultura de amorfos incendios, aonde como Fenix está tirando dos mesmos desmayos da morte a vida. Ainda que seja muyto à custa dos nossos olhos, devemos confessar que morreu, mas tambem não podemos negar q̄ vive, pois o vemos alentado bisarrias em cinco primorosas imagens. E mais particularmente em o Principe, que como primogenito representa as mais vivas semelhanças, & tão naturaes, que no Principe, que Deos guarde, estamos vendo ao nosso Rey; & assim podemos dizer d'El-Rey D. Pedro o que là disse de hum pay o Ecclesiastico: *Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus, reliquit enim similem sibi.* Morreu por força do fado El-Rey, mas tambem não morreu, porq̄ se nos deyxou substituido em o Principe, copia tão natural do pay, que ahi está, & estará sempre vivendo o pay em as semelhanças do filho; & assim para augmento de sua real successão, para timbre de sua grandesa, para conservação do Reyno, para lustre de Portugal, & para gloria, & continuação de seus triunfos, bem pôde dizer o nosso Principe a Philippe: *Philippe, qui videt me, videt & patrem meum.*

Eccles.
cap. 30.
v. 4.

700.
p. 14.
v. 9.

Assim, assim vive gloriosamente o nosso Rey em o monumento do amor, que sepulcro, que fabri-

ca o amor, mais he para alento de vida, que para descanso da morte. A morte lhe deu hum sepulcro, em que descansa. A lealdade lhe deu outro sepulcro, em que reyna. E o amor lhe deu outro sepulcro, em que vive. Vive nos corações dos Principes para alivio de Portugal. Reyna nos peytos dos seus vassallos para despertador do sentimento; & descansa no seu tumulo para desengano de todos.

Porem o em que reparo ultimamente, & acabo, he, que esta sepultura da morte a escolheffe El-Rey em S. Vicente de fóra. E o fundamento da minha duvida nasce de que El-Rey, que Deos tem em gloria, teve duas amantes Esposas, & sendo primeyro ambas lamentavel despojo da morte; a primeyra se sepultou em o Convento do Santo Crucifixo, & a segunda em o de S. Vicente de fóra, & havendo de acompanhar a huma das duas em a sepultura, & na morte, porque mais acompanha a de S. Vicente de fóra, doque a do Santo Crucifixo? He porque, supposto que a primeyra Rainha a Senhora D. Maria Isabel de Saboya, que se sepultou em o Convento do Santo Crucifixo, foy emprego particular do seu amor, com tudo foy menos fecunda em dar filhos para augmento de sua Real successão; a segunda Rainha a Senhora D. Maria Sofia, que se sepultou em S. Vicente, sendo carinhosamente amada, foy venturosamente fecunda,

pois deu sette filhos a El-Rey para gloria, & segu-
ro deste Reyno ; & ficou El-Rey taõ obrigado
a esta Rainha soberana , que havendo de acom-
panhar a huma dellas na morte , & na sepulta-
ra , precisamente havia de escolher a sepultura
de S. Vicente de fóra , & deyxar a outra sepul-
tura. Parece-me que não pôde ser mais natural
a prova.

Fino exemplar dos amantes sabem todos que
foy Jacob. Teve duas amantes esposas , Lia , &
Raquel. Ambas lhe precederãõ na morte. A Ra-
quel sepultou em Efrata , & a Lia em Canaan.
Chega o tempo da morte a Jacob , & recomen-
da a seu filho Joseph que o sepulte em Canaan
junto à sepultura de Lia , ou na mesma sepultura :
Sepelite me in agro Ephron ... ibi & Lia con-
dita jacet. A curiosidade excita logo a pergunta.
E que razaõ hade haver , para que Jacob se va
a sepultar em o mesmo lugar com Lia , & deyx-
xe a sepultura , & companhia de Raquel ? Não
foy Raquel carinhoso feytiço dos olhos de Jacob ?
Não foy singular emprego dos seus amores ? Não
foy Remora , que o deteve tantos annos a soffrer
por seu respeyto os enganos de Labaõ ? Pois
sendo assim , deyxar de se sepultar com a sua a
dorada Raquel , & escolhe só a sepultura de
sua esposa Lia ? Sim , porque pode mais com
Jacob a obrigação , em que estava a Lia , do que
o amor,

Gen. cap.
49. v. 31.

o amor, com que adorava a Raquel; porque Raquel, supposto que foy mais bella, foy menos fecunda, porque não deu mais, que só dous filhos a Jacob. Lia foy taõ fecunda, que lhe pario sette filhos. Ah sim! pois com razão escolhe Jacob a sepultura, & companhia de Lia, & deyx a sepultura, & cõpanhia de Raquel; porq̃ como Raquel foy menos fecunda, & Lia enriqueceu de filhos a Jacob; achou-se taõ obrigado a Lia por esta illustre successão Jacob, que só por se sepultar, & a acompanhar na sepultura a Lia, deyx a companhia, & a sepultura de Raquel: *Sepelite me in agro Ephron... ibi Lia condita jacet.*

Naõ sey se offendo a taõ luzido auditorio em accommodar o lugar, quando todos sabem que a serenissima Rainha a Senhora D. Maria Sofia, sendo Raquel na belleza, foy na fecundidade Lia, pois deu a El-Rey D. Pedro sette filhos, sette estrellas, ou sette Soes para feliz successão, & para lustre deste Reyno. E a Senhora Rainha, a Senhora D. Maria Isabel de Saboya, supposto que teve todas as prerogativas de bella, faltoulhe a fecundidade, pois não deu a luz mais, que huma unica filha, que por só, foy o Sol de Portugal. Pois sendo assim, não se admirem, que estava obrigado El-Rey a escolher a sepultura de S. Vicente de fóra, em que està huma esposa fecunda, & deyxar a sepultura do Convento do Santo Crucifixo, aõnde està huma esposa bella, preferindo,

do, como Jacob, a fecundidade à belleza, & a obrigação ao amor: *Sepelite me in agro Ephron ... ibi & Lia conditajacet.* Ahi está sepultado em esse magestoso mausoleo, satisfazendo à admiração de todos, quantos perguntarem: *Ubi est qui natus est Rex?*

Descançay pois, ó portentoso Monarca, em esse tumulo, que, ainda que he aposento da morte, o venera a nossa lealdade, como throno; se já não he, q̄ o nosso rendimento o fez ara, aonde todos os vossos vassallos, como amantes, vos estamos offerecendo almas, & vidas em sacrificios, que, ainda que acabou a Magestade, não espirou em nossos corações o amor. Estes, senhor, queremos que sejaõ eternas pyramides, com que se adorne esse sepulcro; que se là se viaõ adornadas cõ flores as colunas do templo de Salamaõ, não falta às pyramides de nossos corações este adorno, pois são os seus affectos as flores. Ardaõ junto a esse sepulcro, como tochas, os nossos olhos, sendo as suas lagrymas luzes, que se as lagrymas dos olhos são incendios do coração, à vista desse sepulcro, applicando o coração o fogo, he força que, como cera, se destillem os nossos olhos em lagrymas. Estas são as tochas para o sepulcro, em que descança o corpo; que o espirito he de crer que là no Empyrio se adorna com tantas luzes, quantas foram nesta vida as vossas virtudes. Estas deyxey aos mais Prégadores, para serem mais bem, & discretamente elogiadas, & referidas; que virtudes tão sober-

beranas de si pediaõ mais subidas eloquencias. Vof-
fas Reaes virtudes vos conservarão o sceptro na ter-
ra, & estas vos teraõ tecido a melhor Coroa na Glo-
ria; & a que foy Coroa ornada de pedras preciosas
Mundo, serà hoje Coroa de gloria no Ceo. Rey-
nay pois, ó venturoso espirito, là nesses Ceos eterna-
mente, ainda que padeça cá na terra a nossa sauda-
de sempre triste; & serà alivio do nosso sentimento
saber que, se reynastes com homens no Mundo, ho-
je reynais com Anjos na Gloria. E se a Gloria he
Corte de delcanço: *Civitas requiei*, todos com vo-
zes de sentimentos ficamos pedindo a Deos que o
vosso espirito *Requiescat in pace.*

Ecclesi.
cap. 36.
v. 15.



En el exordio del D. Pedro II. 23
de las virtudes vos conuertido o lo que en ter-
ra se cifra vos conuertido a mejor Corona. Glo-
ria & a que soy Corona cuando de peñas preciosas
Mundo, sea bajo Corona de gloria no Geo. Rey-
may por, ó cuando el pino, la bella Cos eterna-
mente, anda que padece en su tierra a nolla lanta-
de la que es, sea el alivio de nullo lenimento
liber que, repaños con honras no Mundo, ho-
reynas con Anjos na Gloria. He a Gloria de
de las de la mano; Gira repaños, todos con tra-
res del mundo seamos pedindo a Dios que
voto el pino. Repaños in pace.